

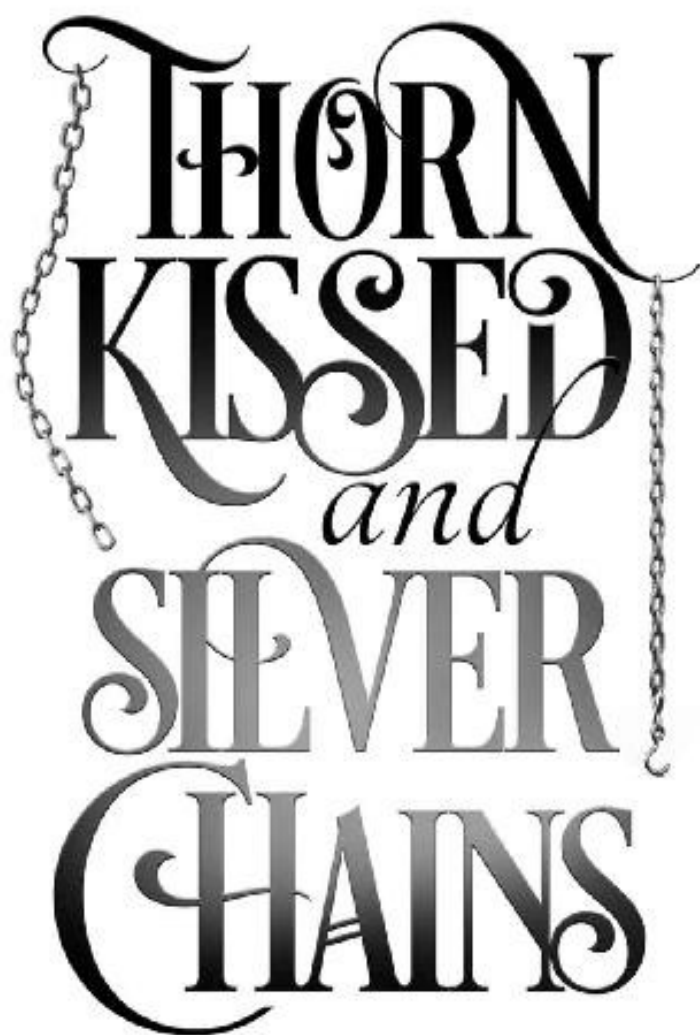


HONEY AND ICE, BOOK 4

THORN  
KISSED  
*and*  
SILVER  
CHAINS

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
SHANNON MAYER  
KELLY ST CLARE

THORN  
KISSED  
*and*  
SILVER  
CHAINS



SHANNON MAYER  
KELLY ST CLARE

Copyright © 2022 por Shannon Mayer, Kelly St Clare  
Todos os direitos reservados.

Publicado por Hijinks Ink Publishing  
[www.shannonmayer.com](http://www.shannonmayer.com)

Todos os direitos reservados. Sem limitar os direitos sob a reserva de direitos autorais acima, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um banco de dados e sistema de recuperação ou transmitida por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia ou outro) sem a permissão prévia por escrito tanto do proprietário dos direitos autorais quanto dos editores acima.

Por favor, não participe nem incentive a pirataria de materiais protegidos por direitos autorais que violem os direitos do autor. Compre apenas edições autorizadas.

Um brinde a trabalhar com grandes autores, editores e artistas de capa.  
Este é um esforço de equipe e somos eternamente gratos a todos aqueles que participam e ajudam no processo de transformar palavras aleatórias em um romance vivo e vibrante.



## Prólogo

Agachei-me próximo à base da árvore das nuvens. Pássaros pouco maiores que insetos voavam de flor em flor. Eu sorri e estendi minha mão. Três dos pássaros pousaram na minha mão gordinha.

"Pequeno."

Olhei para Lilivani. "Liliwani," eu ainda lutava com o nome dela. Ela me pegou em seus braços. Algo que ela não fazia há algum tempo. Eu ri e enterrei meu rosto em seu pescoço. Ela cheirava a flores e sol.

"Eu devo deixar você," sua voz falhou enquanto ela alisava meu cabelo nas minhas costas. "Você é muito jovem, mas Underhill declarou que é hora de eu partir."

"Mamãe fica comigo?" Pisquei para ela. Mamãe Underhill era tudo. Beleza. Comida. Cordialidade. Mas também... medo. Ela me assustou com seu rosto duro e suas palavras duras.

Lilivani tinha lágrimas no rosto. "Você deve ser bom, pequenino. Você deve trabalhar duro para deixar Underhill satisfeito com seu progresso."

Eu fiz uma careta. Eu não entendi. Aos quatro anos, minha vida tinha sido simples até então. Lilivani cuidava de mim e eu a amava intensamente como só uma criança poderia. Ela era a coisa mais próxima de uma mãe que eu tive.

"Você se lembra de como usar sua magia? Como reconhecer outras magias?" Lilivani caminhou comigo ainda nos braços. "Você sabe que deve mostrar a Underhill o quão capaz você é? Forte. Inteligente."

"Tipo." Eu sussurrei.

Ela me apertou com força. "Você é gentil. Mas... não sei... Seja corajoso. Forte."

Encolhi os ombros enquanto levantava a cabeça para olhar as nuvens que formavam o topo das árvores. Houve um bater de asas.

Os cavalos voadores estavam aqui, em algum lugar. Eu gostava deles, mas não tinha permissão para ir vê-los sozinho.

“Conte-me sobre a magia, pequena.” Ela sussurrou em meu ouvido.

Suspirei.

“Equilíbrio em todas as coisas. Minha magia é prata. O seu é azul. O de Underhill é ouro. Cores escuras significam perigo. Tome cuidado!” Gritei as duas últimas palavras. Lilivani assentiu.

“Sim, tenha cuidado.” Ela me colocou no chão agora que estávamos na beira da floresta. E foi aí que vi Underhill esperando.

Olhei para Lilivani. “Amo você. Até mais?”

Seus olhos se fecharam e lágrimas escorreram pelo seu rosto. “Vá, pequenino. Você deve ir.”

Eu peguei a mão dela. “Você vem também.”

“Chega de falar sobre a terra”, disse Underhill. “Use as palavras com moderação. Como fariam as criaturas de Underhill.

O comando me fez engolir em seco. “Sim, mamãe Underhill.”

“Mãe é nome.” A voz dela não era cruel, mas eu ainda me encontrava lutando para fazer contato visual.

Ela fez sinal para que eu a seguisse, e eu o fiz. Porque ela era Underhill.

“Chega de moleza, filha. Cada dia, realize algo.”

Pisquei para ela enquanto pegava sua mão. Ela cruzou suavemente os braços para que eu não pudesse alcançá-la.

A incerteza percorreu meu corpinho. Mordi o interior do meu lábio. “Gosta de quebra-cabeça?”

“Derrote uma criatura. Sobreviva a novos lugares. Descubrir. Empurre os limites.”

Olhei por cima do ombro em busca de Lilivani. Ela ainda estava lá, me observando ir embora. Eu me virei e corri de volta para ela. Não entendia o que estava acontecendo, mas queria o conforto da mulher que cantava para mim à noite. A mulher que me alimentou e deu banho.

Uma luz brilhante se abriu atrás dela e ela deu um passo para trás, seus olhos nunca deixando os meus.

"Adeus, pequenino. Seja gentil, quando puder.

*Sozinho.*

Eu estava sozinho e comecei a tremer. Nunca estive sozinha, Lilitani sempre esteve comigo. *Sempre.*

Underhill se agachou ao meu lado. Virei-me para me jogar em seus braços enquanto minhas lágrimas caíam.

Ela recuou. "Não. Estar sozinho. Feroz. Forte. Corajoso."

Eu funguei. "Eu tento."

"Bom. Boa filha."

Sua magia girava em torno de mim, dourada e quente, lavando... Quem eu estava procurando? Olhei por cima do ombro e franzi a testa. Eu não conseguia lembrar quem esteve lá antes.

"Vir. Deve aprender. Underhill acenou novamente e eu corri atrás dela. Algo em meu coração doeu, mas eu não sabia o quê ou por quê.

Eu tinha que ser corajoso agora. Eu tive que ser feroz.

Pratiquei fazer uma careta que assustaria um monstro, depois olhei para Underhill enquanto saíamos da floresta nublada. Eu a deixaria orgulhosa, mostraria a ela que era o mais corajoso, o mais feroz e o melhor de todos os seus filhos.



um

A areia irrompeu em meu rastro enquanto eu corria pelas Planícies Naga, o calor escaldante sob meus pés mal se registrando em minha velocidade confusa. Um rugido furioso encheu o céu, fazendo os grânulos saltarem como se estivessem assustados.

Eu mostrei meus dentes em um sorriso.

Extraindo energia vermelha do chão para alimentar meu poder prateado, atirei uma flecha em cada perna. Meu poder me catapultou pelo ar e pelas planícies.

Longe o suficiente para me levar à estação planejada.

Outro rugido, desta vez mais próximo.

*Perfeito.* Se o dragão tivesse aparecido com a cabeça acima da floresta antes de eu chegar aqui, então o show estaria pronto.

Agachei-me no meio de duas dunas e joguei fios de poder na minha frente como um cobertor. Colocando em meu poder a textura, o cheiro e a aparência da areia, puxei o cobertor de volta para me cobrir. Um pequeno truque de mascaramento que aprendi no ano passado durante um emaranhado com uma besta-tartaruga.

Rajadas rítmicas de vento varriam a planície. Ninguém que soubesse de alguma coisa poderia confundir *essas* rajadas como sendo da minha mãe – ela preferia enviar furacões e coisas do gênero.

Olhei através da cortina de meu cabelo prateado e sujo, apertando os olhos contra a areia que chicoteava o ar. Meus lábios se curvaram novamente.

Ah, lá estava ele.

O Dragão.

Convencê-lo a deixar sua maldita cama foi um trabalho por si só. O velho bastardo odiava voar. Você pensaria que a mãe tiraria suas asas como

punição, mas não. Este dragão tinha as maiores asas de Underhill e, exceto algumas vezes por ano, elas eram apenas para exibição.

Mas eles com certeza eram algo para se ver. E ouça. A batida de suas asas enquanto voava acima das árvores em direção às planícies era semelhante a uma batida gigante em um enorme tambor.

Lento. Final.

*Estrondo.*

*Estrondo.*

*Estrondo.*

O ritmo do meu coração acompanhou-o. Outro truque que aprendi. O velho bastardo tinha uma audição excelente, especialmente quando se tratava de coração.

“Continue,” murmurei baixinho, mudando de posição agachada.

O dragão berrou, balançando sua grande cabeça da esquerda para a direita em minha busca. Percebi o dilatar de suas narinas e sorri novamente. Eu já tinha rolado em excrementos de naga para esconder meu cheiro. Ele pensou que eu tornaria isso mais fácil?

Uma perturbação abaixo do solo chamou minha atenção. Sem me mover, observei seis cabeças de nagas surgirem da areia, a cinquenta comprimentos de lança, à minha frente. Houve uma boa razão para eu ter pulado aquela seção específica. As nagas estavam extremamente sintonizadas com qualquer mudança nas planícies ao redor de seu tesouro. Eu havia fugido do tesouro deles, é claro, mas nem eu poderia esperar alcançar a furtividade necessária para entrar *no* tesouro sem ser detectado. Para minha sorte, eu não pretendia. Pelo menos não hoje. Eu só precisava da ajuda deles.

Porque se havia algo que o dragão odiava?

Eram as nagas que gostavam de invadir seu território de vez em quando.

*Uau.*

O dragão inclinou-se para a direita e deslizou pelas planícies, quase silencioso agora que planava. A extensão das planícies deu-lhe boa visibilidade. Ele prefere me procurar aqui em vez de tosquiar as árvores.

Tudo estava indo conforme o planejado. Ele só precisava chegar perto o suficiente do tesouro.

Sem olhar diretamente para as nagas, verifiquei a presença de seu tesouro. Moedas de ouro apareciam na areia em todas as direções. Com as nagas, havia duas regras. Não mexa com seus jovens e não mexa com seu ouro.

Nunca mexi com os filhotes de uma criatura, não importa qual seja o jogo. Mas a outra regra parecia que deveria ser quebrada.

Metade da minha atenção na abordagem rugindo do dragão, concentrei meu poder em uma única moeda de ouro sem olhar diretamente para ela. Tirei a moeda da areia com minhas gavinhas de prata, mas a mantive em contato com a camada superior de grânulos. Eles notariam se eu não o fizesse.

Olhei para a esquerda, para o dragão que se aproximava.

Isso tinha que ser cronometrado corretamente.

Enchi a moeda com minhas gavinhas de prata, esperando. . . *esperando* .

Gritando, o dragão se arrasou e se dirigiu ao rebanho de nagas.

*Sim!*

Chicoteei a moeda em minha direção, tomando cuidado para não deixar o ouro tocar minha pele, e as seis nagas irromperam de seus postos de sentinela arenosos como se estivessem conectadas ao tesouro por cordas. Todos eles olharam para mim.

As metades superiores das nagas tinham aparência de serpentina; fora isso, tinham duas pernas com pele como a minha. Eu sempre os considerei lindos de uma forma exótica, algo com o qual minha melhor amiga discordava enfaticamente. Cintos de moedas de ouro pendiam de seus quadris e também se cruzavam sobre o peito das mulheres e ao redor de suas grandes cabeças de cobra em forma de coração presas em diademas. O que *não era* bonito era ser pulverizado com veneno de naga ou, pior, ser mordido.

O dragão ergueu a cabeça surpreso. Em seu joguinho territorial habitual com eles, os nagas não revidaram porque não tinham nada contra ele.

Tarde demais para mudar sua trajetória de voo, o dragão baixou novamente a grande cabeça, olhando ferozmente para o pequeno rebanho.

Atirei a moeda de ouro para fora.

Como um míssil, foi lançado em direção ao focinho do dragão. Seis pares de olhos nagas rastream a moeda pelo ar. Diminuindo o caminho da moeda, coloquei-a delicadamente no nariz do velho bastardo.

Agora, ele só tinha que cometer um erro. . .

O dragão fixou os olhos na moeda de ouro.

*Peguei vocês.*

Seus olhos furiosos ficaram vidrados e eu saí do meu esconderijo. Se eu olhasse ou tocasse diretamente no tesouro, o jogo terminaria - o poder naga infundido nele me manteria em um transe sem fim, mas o dragão o livraria rapidamente. Algo que as nagas conheciam muito bem. Fluxos de veneno dispararam de suas presas e eles avançaram para aproveitar a vantagem sobre seu predador.

Enquanto eu agarrava o meu.

Era isso.

O fim do jogo.

Por mais rápido que fosse, não conseguiria vencer um dragão facilmente. Extraindo mais energia para dentro, tirei minha camuflagem mágica. Um tremor percorreu o corpo escamoso do dragão.

*O tempo está acabando!*

Colocando todo o poder que tinha em minhas pernas, explodi do meu esconderijo em direção ao local onde o dragão descongelado estava sendo atacado por nagas. Eles pareciam minúsculos perto dele - tudo o que os Fae pareciam. Eles não venceriam.

Mas *eu* faria.

A toda velocidade, joguei meu corpo sob a barriga macia do dragão, deslizando por baixo dele. Um tremor mais profundo percorreu-o. Ele sabia que eu estava aqui. Como qualquer predador saberia, havia uma ameaça perto da parte mais vulnerável do corpo.

Tudo aconteceu em questão de segundos

Pisquei em minha visão mágica e vi.

*Lá.*

A joia, bem no centro.

O espaço ficou mais apertado quando o dragão desceu para me esmagar. Mas ele percebeu minha presença tarde demais. Arrancando a joia da carne macia de sua barriga ao passar, continuei meu deslizamento confuso.

Eu só tinha que chegar até a ala dele. Cerrei os dentes enquanto ele continuava a abaixar a barriga, o espaço diminuindo.

Ele ia me esmagar.

Novo plano. Extraíndo força de minhas pernas, em vez disso, empurrei os fios de energia para o subsolo, cavando na areia e caindo na cavidade que ela criou. A barriga do dragão selou o topo, e uma risada explodiu de mim depois de alguns segundos, provando que eu estava selado com segurança.

Este foi novo. Como sair?

Eu me mexi e meu olhar se arregalou para o anel de ouro de tom agudo e revelador.

Olhei para baixo, para a pilha enterrada de moedas em que havia me enterrado.

*Oh . . .merda.*

A areia se moveu e não fiquei por perto para confirmar que todo o rebanho de nagas agora tinha um alvo diferente. Disparei pela areia, mirando cegamente em uma saída além de onde deveria estar a asa esquerda do dragão. A dor irrompeu em minha panturrilha esquerda e gritei enquanto presas rasgavam minha carne, apenas para engasgar com a boca cheia de areia. Mas *da* areia eu disparei, com a jóia premiada na mão.

Balbuciando e cuspiendo areia, não ousei parar.

O dragão tinha outros planos.

Meus pés foram arrancados e a respiração saiu de meus pulmões quando a cauda do dragão me atingiu por trás. Eu voei, inerte no ar devido à força do golpe.

Fui catapultado para longe das planícies. De volta pelo caminho por onde vim.

Isso iria doer.

Caí no chão como uma pedra deslizando sobre um lago. Um, dois, três impactos. Rolei emaranhado sobre arbustos espinhosos e pedras irregulares até parar.

“Machucado,” eu ofeguei.

Meu corpo se desbloqueou o suficiente para respirar fraca e ofegante. Mesmo quando o vento soprava ao meu redor de uma forma rítmica que me alertava sobre a aproximação do dragão, eu não conseguia me mover.

Ele pousou e o chão tremeu.

Gemendo, sentei-me e abracei as pernas contra o peito até que minha respiração voltou ao normal. Cortes e hematomas que cresciam rapidamente marcavam todas as partes do meu corpo.

Erguendo a cabeça, segurei a joia bem alto e olhei para a enorme criatura.

Seu corpo tremeu.

Com risadas.

“Vitória. Movimentos tardios não pertencem a nenhum jogo,” eu sibilei para ele. O bastardo me roubou depois que eu peguei a joia! Isso foi trapaça.

Ele abaixou sua grande cabeça e o ar quente tomou conta de mim. “Volte,” ele sibilou. “Ou ser transformado.”

Revirei os olhos. Sempre tentando me ensinar uma lição. Embora talvez eu não devesse ter baixado a guarda quando o rebanho de nagas atacou. Joguei a joia de lado. Convencê-lo a me deixar ir levou anos. Dragão típico, ele só concordou depois que eu entrei em um jogo mortal. O Velho Bastardo nunca reclamou, mas isso deve ter lhe causado dor.

Mamãe ficaria impressionada, eu tinha certeza disso.

O dragão inclinou a cabeça e o veneno da naga escorreu de seu focinho. Não me ofereci para limpá-lo, assim como ele não se ofereceu para curar *minha* mordida de naga.

Ele foi embora, de volta ao seu ninho. Cambaleando, fiquei de pé e manquei na direção oposta, a dor na panturrilha aumentando a cada passo. Eu vasculhei o terreno em busca de *Laziye*. Mesmo com a ajuda da cobertura do solo, eu ficaria de cama por alguns dias.

A tontura me atingiu com mais força do que a cauda do dragão, e caí de joelhos, piscando para clarear a visão. Esperei que o chão parasse de se mover.

Então olhou mais de perto. As rochas estavam realmente tremendo.

Sem vento. Nenhum boom de um dragão ambulante.

*Vozes.*

Meu coração acelerou. Vozes de fadas como eu!

A vontade de correr e vê-los, de tocar pele com pele me fez abaixar a cabeça. Quanto tempo se passou desde que mamãe tocou meu ombro com a mão? Anos, pelo menos.

Eu estava tremendo, minha pele dançava como se eu fosse um cavalo picado por uma mosca. O desejo por um toque gentil era mais forte em momentos como este, quando eu estava cara a cara com o fato de estar sempre sozinho.

Que não havia ninguém como eu aqui.

Eu já tinha visto fadas entrarem em Underhill antes, mas minha mãe sempre me afastou deles. Ela devia estar ocupada demais para perceber que eles estavam em rota de colisão comigo.

Não. Não, eu não precisava me aproximar deles. Balancei a cabeça e recuei. Chegar perto deles era um caminho para a dor. Às lágrimas. Afastei a vontade de ir até eles. Eu observaria e observaria. Se eles fossem perigosos, eu os mataria antes que me machucassem.

Levantei a cabeça e os vi imediatamente. Uma zombaria me deixou. Os tolos estavam espalhados à distância de um dragão, caminhando no alto da planície esparsamente arbustiva. Eles tinham alguma ideia de que o Velho Bastardo estava em ascensão? E os falcões gigantes de bico farpado que atualmente fazem ninhos na floresta? *Imbecis.*

Um homem feérico no meio, com cabelos castanhos cobrindo o queixo, fez uma pausa e os outros pararam em resposta. Ele cheirou o ar e depois torceu o nariz.

*Excrementos de Naga.* Perfeito para me esconder em um tesouro de nagas. Não é tão bom agora.

Seu olhar encontrou o meu. Sem piscar - caso ele considerasse submissão - fechei os dedos em torno da primeira pedra que encontrei.

“Lá está ela”, ele chamou.

Os outros, dois homens e duas mulheres, olharam na minha direção. O olhar da mulher mais baixa me encontrou em seguida. “O cabelo dela não é prateado.”

“É”, disse o primeiro homem. “Exatamente como o Oráculo disse. Ela está imunda, mas a cor está certa.”

O que eles estavam falando?

Fae bípedes vinham se reabastecer em Underhill de tempos em tempos, e também entravam e saíam para sua aparência de “treinamento”, mas nunca vieram me buscar. Eles disseram que o Oráculo os enviou.

Meu coração bateu mais rápido, meus instintos dispararam.

*Escapar.*

Eu não duraria muito a pé. Quanto mais rápido eu corria, mais rápido o veneno naga se espalharia pelo meu sistema. Isso limitou minhas opções.

O homem barbudo desviou o olhar e só então dei outra olhada ao meu redor. Muitas pedras, mas não do tipo com que eu geralmente gostava de esfaquear as coisas. Esses eram do tipo esquisito. Fiz uma careta para a pedra em minhas mãos. Ao contrário das outras rochas, esta era preta. Deixei-o cair e olhei para o resíduo preto e sujo que ele havia deixado na minha mão.

O menor dos meus problemas.

O homem mais jovem, talvez alguns anos mais velho que eu e com um raio de sol na túnica, falou. “Não vamos machucar você, mas precisamos *falar* com você.”

“Se ela é a responsável, então discordo, Aaden”, disse a outra mulher. “Eu certamente vou machucá-la.” Ela estalou os nós dos dedos para garantir.

Joguei uma camuflagem rochosa sobre mim e pulei para a direita. Fogo branco lambeu minha perna, mas quando aterrissei, me forcei a pular novamente.

Gritos e o clamor de armaduras e armas ecoaram nas minhas costas. Eu rastreei sua magia atrás de mim.

Dane-se tudo. Um deles foi rápido. O homem mais jovem – Aaden, não é? Ferido como eu estava, ele estava se aproximando de mim.

Outro salto.

Eu avistei meu objetivo. O Rio.

Todos os residentes de Underhill sabiam que o rio tinha tanta probabilidade de matar quanto de ajudar — ele funcionava inteiramente com base nos

cálculos de equilíbrio da mãe. Se você não fosse necessário para o equilíbrio, você morreria. Se você fosse, você viveria. Acho que eu estava prestes a descobrir em qual categoria eu me enquadrava porque aprendi há muito tempo que ter Underhill como mãe não significava nada.

Um salto final.

*Quase lá.*

Braços fechados em volta da minha cintura. Rosnei, arranhando o antebraço musculoso, mas o homem não cedeu.

Não pela primeira vez naquele dia, o ar saiu dos meus pulmões quando pousamos amontoados.

Eu não precisava de ar nos pulmões para morder.

Puxando o braço do homem feérico até minha boca, rasguei sua carne. Ele gritou, mas seus lábios formaram uma linha sombria enquanto ele jogava seu corpo em cima do meu.

O rio que flui ficava logo atrás dos juncos. Tão perto. Eu olhei para o homem. Aaden, o rápido.

“Você tem as respostas que precisamos”, disse ele entre os dentes cerrados.

“Você sabe o que aconteceu com eles. Você vem conosco.

Relaxe de repente e ele assentiu, recostando-se.

Sua cabeça virou para trás quando o calcanhar do meu pé descalço bateu na parte inferior do seu queixo.

*Ha!* “Retornar. Ou ser transformado,” eu rugiu para ele. Veja se ele gostou do aviso de um dragão.

Comecei a rastejar em direção aos juncos e ao rio além. A água estava à vista. Os passos fortes dos outros bípedes estavam longe o suficiente para que eu conseguisse chegar.

Eu pudesse-

Mãos fortes agarraram minhas pernas, dedos cravando brutalmente na mordida da naga em minha panturrilha esquerda. O veneno subiu quente através de mim, acalmando meus músculos. Preto, assim como a sujeira que cobria minhas mãos, cobria minha visão. *Veneno de Naga. Ruim.*

Minha cabeça pendeu quando fui jogado de costas.

Cinco rostos hostis olhavam para mim, seus detalhes perdidos nos crescentes pontos negros em minha visão.

“Amarre-a”, cuspiu o barbudo. “Ela é um maldito animal. Fede como um também.

“Vamos levá-la aos tribunais em Unimak, senhor? Para o Oráculo? Aaden perguntou.

“Para o Alasca? Não, rapaz. Este é o nosso povo. Estamos viajando para a Irlanda. O Ríchashair decidirá seu destino.”



dois

### *Irlanda*

. A palavra flutuou em minha direção e quase consegui identificar o estrondo profundo da voz e o que ela significava. A última coisa de que realmente me lembrei foi da mordida da naga e do veneno correndo em minhas veias. Alucinações e perda de memória não eram efeitos colaterais incomuns.

Minha orelha esquerda latejava como se eu tivesse levado um soco na lateral da cabeça, e uma dor entre as omoplatas me fez estremecer e reprimir um gemido. Rolei para mudar de posição, só que não rolei tanto quando caí, minha cabeça batendo contra o chão sólido um instante depois. Por que tudo não-mágico estava escuro? Ou meus olhos estavam cobertos ou fiquei cego pelo veneno da naga. De qualquer forma, eu só conseguia sentir e ver magia. Minhas pernas estavam bem amarradas. Uma tentativa de endireitá-las fez com que minhas costas arqueassem, então o que quer que estivesse prendendo minhas pernas estava preso às minhas mãos, também amarradas. Eu estava na forma de uma lua crescente cheia de dor. Os ombros doloridos faziam muito sentido agora.

Eu tinha sido pego em um arbusto de trepadeiras? Eles eram quase tão venenosos quanto as nagas e certamente sencientes o suficiente para rastejar sobre presas imóveis.

Pisquei na escuridão e algo macio roçou meus cílios. Tecido? Coberto então, não cego. Isso, pelo menos, estava a meu favor.

Exceto . . .quem iria cobriu meus olhos?

Lutei contra o instinto de me debater. Se eu realmente fosse pego em um emaranhado de trepadeiras, a surra só aumentaria seu domínio sobre mim. Eu tive que pensar sobre isso.

*Onde estou?*

Passos acima de mim. *Baque*. Arrisquei levantar um pouco os pés e baixá-los. *Baque*. Minhas amarras não apertaram com o movimento. Não havia trepadeiras então, e havia tábuas de madeira acima e abaixo de mim. A presença de energia verde ali confirmou isso.

Inspirei pelo nariz e lambi os lábios. Sal.

*Faé*.

A última lembrança de antes de eu desmaiar voltou correndo sobre mim como o roçar das asas de um dragão.

Os Fae da Terra me sequestraram. Com o veneno naga correndo em minhas veias preguiçosas, eles me derrubaram. Me amarrou e me sequestrou. Usei minha visão mágica para espiar através do teto de madeira e contar os feixes de poder que denotavam as fadas.

*Nada* se interpôs entre mim e Underhill. Eles tinham estragado tudo.

Meus lábios se curvaram.

Estendi a mão para usar minha magia e... nada. Eu balancei meus dedos e cliquei, tentando acender um pouquinho de magia . Nada . O que em dois reinos? *O verdadeiro* pânico surgiu. Eu nunca estive separado da minha magia. Eu podia vê-lo em todos os lugares, mas não podia fazer nada para acessar minhas reservas ou extrair qualquer material vivo ao redor.

Minha respiração ficou rápida.

"Você não encontrará nada para ajudá-la a sair desta situação, senhorita, nem mesmo sua magia."

Eu me joguei ao ouvir a voz rouca à minha esquerda. Minhas amarras se firmaram, mas me concentrei na ameaça, mostrando os dentes e atirando-os para quem falava, um feixe de poder dourado e cinza. Velho. Poderoso.

"Pegar. Saia de perto de mim!" Acompanhei cada palavra com um estalar de dentes. Ninguém poderia interpretar mal o desafio. Observei o velho com minha visão mágica.

"Ah, senhorita, você não sabe, então vou te contar." O homem se aproximou. Tentei recuar e só consegui bater a cabeça em algo duro. A inclinação do chão abaixo de mim não ajudou em nada, embora conectasse as pistas óbvias que meu cérebro nebuloso não havia percebido. Água, eu estava na

água. Em algum tipo de caixa. Devia ser um oceano, a julgar pelo cheiro de sal. Havia apenas um oceano em Underhill, então pelo menos eu sabia para onde me levaram.

“Vá em frente, voe, corra, vá!” Eu rosnei. Eu mandei bestas de guerra correrem com minha exibição de alerta - um bezerro, talvez, mas ainda assim. Eu poderia canalizar ameaças quando precisasse.

As fadas rudes se aproximaram. Muito perto. Mordi com tudo o que tinha o que parecia ser um dedo.

Seu grito era música para meus ouvidos enquanto eu esmagava ossos e carne.

Eu sorri quando ele recuou. *Baque, baque, baque.* Houve um baque diferente quando ele se apoiou na parede. A sala não era grande, então, o que explicava por que sua voz parecia tão alta.

Eu ouvi sua respiração irregular.

“Criança puta, você me mordeu. . .” Ele resmungou. Três passos e uma bota pousou bem no meu meio. O ar saiu dos meus pulmões e eu me empurrei contra as amarras para atacar a pessoa. Mas eu não conseguia respirar nem alcançar minha magia. Eu mal conseguia me mover.

Esses invasores iriam me matar.

Reconheci esse fato friamente. Sem medo. O medo só servia para uma coisa: avisar-me de que eu estava em perigo. Depois de ter feito o seu trabalho, eu o afastei.

Uma mão agarrou meu queixo e minha venda foi arrancada. A luz branca brilhou ao nosso redor, atacando-me com seu brilho repentino. Pisquei com os olhos lacrimejantes para a lanterna girando lentamente pendurada logo atrás do estranho.

O homem retorcido à minha frente estava curvado, com as costas nodosas e enrugadas, como se a coluna tivesse sido deliberadamente torcida. Fora isso, ele era estranhamente indefinido. Além de sua incomum combinação de magia cinza-ouro. A luz parecia incapaz de iluminar suas feições. Ou meus olhos não conseguiam focar neles. Pisquei algumas vezes sem efeito.

“Estou tentando ajudar você, pirralho. E você vai e tenta arrancar meu dedo com uma mordida! Disseram-me para ajudá-lo, então estou fazendo isso. Mas eu não estou gostando!

Ele me mostrou o dedo. Já quase curado. Do que ele estava reclamando? Deixei escapar um grunhido baixo para que ele soubesse que eu não iria com calma e observei enquanto ele andava dois passos, virava-se e depois dava dois passos para trás.

“As fadas no convés não sabem que estou aqui com você,” ele murmurou, “Eu subi a bordo. Fácil de reconhecer um filho de Underhill. Todos vocês se revelaram selvagens, bestas por direito próprio.

Ele me achou selvagem? Uma pequena explosão de orgulho se espalhou pelo meu peito. Mas por que ele estava me elogiando antes de me matar? Pensando bem, seu tom parecia implicar que ser selvagem não era um elogio. Quem sabia? Essas pessoas estavam atrasadas. “Nos cuidados de Underhill. Em Underhill dê”, testei. Se ele soubesse da minha mãe, talvez me devolvesse a ela.

“Bah, não posso lutar contra todos eles.” Ele estava de costas para a lanterna, suas feições ainda eram um mistério para mim. “Mas posso lhe dar algo para ajudar. Um guia para iluminar o caminho. Diga para sua mãe que eu te ajudei, não se esqueça! Eu ainda a honro. Sempre vou honrá-la. Eu aprendi.”

Apesar de suas palavras, o imbecil claramente não entendeu minha mãe. Se o fizesse, saberia que passar uma mensagem era desnecessário. Ela estava observando tudo se desenrolar. Contando. Decidir se este momento destruiria ou preservaria o equilíbrio antes de decidir intervir.

Ou não.

O velho sem rosto estendeu a mão até o pescoço e puxou. “Este é um presente de Underhill, um presente precioso, e agora vou dá-lo à filha dela.” O objeto voou até mim. No sentido mais literal. Minúsculas asas de couro se abriram enquanto o morcego descia em círculos e pousava em meu ombro direito.

Ele estava me dando um taco antes de me matar? Eu estava começando a pensar que o idiota havia enlouquecido. Se eu fizesse isso direito, talvez conseguisse fazer com que ele rompesse minhas amarras.

Virei minha cabeça para olhar para o morcego.

"Olá," ela sussurrou, sua voz tão estridente que eu não a teria ouvido se não estivesse olhando para ela. Sua pele e asas de couro eram de um dourado suave, seus olhos de um verde mar brilhante. Sua língua entrava e saía. Nervosamente. "Eu amo seu cabelo. O que eu não daria por um cabelo assim. Seus dentes estão à mostra. Apavorante. Por favor, não me machuque.

"Lute e encontre," eu resmunguei. O pequeno morcego não despertou em nada meus instintos de luta. Embora eu tenha sido derrubado por fadas menores na minha época.

Ela sorriu. "Excelente. Eu não pretendo brigar com você nunca."

Usando as garras nas pontas de suas asas douradas, ela passou pela parte superior do meu corpo e parou no meu pescoço.

"Morda e as luas cheias devorarão", eu sibilei.

"Eu nunca morderia você; Eu mordo frutas. Principalmente manga, mas comerei qualquer fruta que você me der. Quase. Eu odeio banana." Ela envolveu suas asas em volta do meu pescoço, prendendo-se em mim. "Isto é melhor. Você está bem aquecido. Você fede embora. O que é isso, merda de camelo?"

"Naga." Virei a cabeça para olhar para quem trouxe esse estranho presente para mim e respirei fundo.

Ele se foi, mas deixou a lanterna giratória.

"Qual o seu nome?" o morcego perguntou.

"Você?" Eu respondi, sentindo minha raiva aumentar apesar de sua clara falta de ameaça.

"Orlaith, mas você pode me chamar de Orla, ou Orry trabalha." Ela enfiou a cabeça atrás da minha orelha direita e, quando falou, seu sussurro foi alto o suficiente. "Posso arrumar seu cabelo? Eu poderia trançar e estilizar. Deusa, como eu me divertiria.

Meus ombros relaxaram quando ela deixou de perguntar sobre meu nome.

*Eu a ignorei enquanto ela tagarelava sobre bobagens. Posso fazer sua maquiagem, posso escolher sua roupa, posso encontrar uma lingerie bonita para você?*

Maquiagem e lingerie eram palavras curiosas, mas eu estava mais curiosa para saber como escapar.

Será que importava que eu tivesse um morcego preso a mim ou que eu não tivesse ideia de por que um velho acabara de me dar o morcego? Não. Não passou um dia sem que minha mãe não jogasse algo estranho em mim. Um morcego dourado nem sequer foi registrado como incomum. Orry não seria o primeiro animal de quem eu cuidaria.

Ainda amarrado, rastejei pelo chão de madeira, indo até uma pilha de implementos no canto mais distante. Pude identificar vários objetos pontiagudos. Que tipo de tolos eram esses fae? Rolei de modo que ficasse de costas para as armas, depois mexi os dedos para encontrar o fio de uma lâmina serrilhada.

“Imbecis cruzados,” eu sussurrei. “Os imbecis acham que a misericórdia é fácil.”

“Quem é estúpido?” Orry sussurrou em meu ouvido. “Bem, por favor, não mate o cara gostoso no convés. Ele é agradável aos olhos. Hmm, droga, um idiota como esse poderia rastejar na minha cama qualquer dia. Ele iluminaria qualquer mulher.

Parei com suas palavras, uma leve tristeza latejando em minhas costelas. Ela estava falando exatamente como minha melhor amiga faria. No entanto . . .

“Fae encontrada pelo fogo?” Eu perguntei a ela. Trabalhei minhas mãos contra a lâmina com pequenos movimentos, quase da largura da asa de uma abelha - os únicos movimentos que consegui fazer enquanto estava preso daquele jeito.

Orlaith riu. “O cara gostoso? Não, não foi isso que eu quis dizer...”

Passos ressoaram acima de nós, mais batidas. Olhei para o teto enquanto a poeira escorria. Em que eu estava? Estávamos flutuando. Isso eu poderia dizer, mas por outro lado, isso estava no topo da lista de ocorrências incomuns em minha vida - o que dizia alguma coisa.

“Barriga de dragão de madeira?” Senti os primeiros fios da corda se soltarem.

*Baque. Baque.* Segui os passos à medida que ficavam mais altos.

Mais perto.

“Hum. Espero que não. Estamos em um navio. Meu pai me trouxe com ele na esperança de que... bem, não sei dizer. Mas quando soube que Lorde Aaden estava chegando e precisava de um rastreador, ele ofereceu sua ajuda. Você foi muito difícil de encontrar, sabia? Eles procuraram por quase três semanas, o que foi muito mais longo deste lado de Underhill, ou melhor, no reino da Terra, mas mesmo assim eles procuraram, e procuraram...

*Baque.*

"Silêncio." Trabalhei mais rápido e mais três fios se quebraram antes que os passos parassem do outro lado da porta.

Eu não estava totalmente livre, mas teria que ser o suficiente.

Fiquei mole e fechei os olhos.

*Rangido* . Mais passos. Essa pessoa era mais leve do que Crowbait. Uma sombra caiu sobre mim.

"Quem tirou a venda dela?" o homem gritou.

Abri uma pálpebra apenas o suficiente para confirmar que as botas na minha frente estavam viradas.

Puxando meus braços o mais forte que pude, quebrei o último fio, libertando-me. Agarrei seu tornozelo e o puxei em minha direção, mordendo a parte de trás de sua perna. Ele gritou e chutou com a outra perna, mas eu já estava me afastando, ficando de pé e avançando em direção à pessoa que veio em resposta ao seu chamado. O rosto da mulher tinha a cor de uma nuvem de tempestade, um cinza acinzentado. Ela procurou algo ao seu lado. Uma arma? E a magia dela?

Procurei minha magia novamente, sem sucesso. *Não entrar em pânico.*

Em vez disso, agarrei sua garganta e joguei-a do outro lado da sala, em seguida, apertei minhas mãos em preparação, pronto para rasgar, rasgar ou morder para sair deste suposto navio. Eles não me prenderiam, não me

manteriam cativo. Agora que eu sabia que as fadas estavam atrás de mim, seria muito mais difícil me localizar em Underhill.

“Fora, Orlaith, para onde?” Eu disse rapidamente.

“Ali, em direção às escadas.” O morceguinho bateu no lado esquerdo do meu pescoço e eu me virei. Não tenho ideia do que eram escadas, mas havia cortes na madeira semelhantes aos que subiam pela lateral da Montanha do Dragão. Corri para cima e saí para o sol brilhante, grato à estranha lanterna de Crowbait por permitir que meus olhos se ajustassem à escuridão.

Observei os penhascos à minha frente e franzi a testa, tentando identificar exatamente onde estávamos. Minha visão deslizou para a água. Água *azul* ? Azul escuro. Mais importante ainda, *não* roxo. As falésias eram pretas e a praia era rochosa e escura, sem areia dourada. Girei em círculos no chão de madeira, com a boca entreaberta. Então olhei diretamente para cima.

Em um sol.

Um brilho.

Nem um pouco de sol.

Este lugar não era Underhill! Recuei até bater numa saliência de madeira na borda do navio. Onde eu estava?

"Pare ela!"

O grito foi aumentado quando eu corri pelo convés estranho. Panos pendurados em todas as direções, junto com o que pareciam vinhas enroladas. Mais madeira. Um formigamento na base do meu crânio me avisou do perigo quase tarde demais. Caí nas ripas de madeira, de bruços, quando uma explosão de magia passou direto por onde eu estava.

O poder surgiu ao meu redor, nada disso era meu. A água não estava na sombra que deveria estar, mas não era hora de ficar e lutar. Eu estava prestes a descobrir o que significava água azul.

Um homem com cabelos cobrindo o queixo bloqueou meu caminho até a borda do navio. Ele era familiar por algum motivo, mas eu não conseguia identificá-lo.

“Você vem conosco,” ele disse categoricamente.

“Duvidoso, cara de grama morta,” eu respondi, os olhos disparando enquanto avaliava as posições dos outros. Quatro à vista. Três à minha

esquerda. Espalharam-se. Meus olhos mágicos identificaram outros cinco que se abanavam para me cercar também.

Ele franziu a testa.

Virei-me e corri em direção à água azul. Esquivando-me de um braço oscilante, mergulhei. Quase lá.

Algo atingiu minha perna. A dor percorreu meu corpo, uma sensação aguda não muito diferente dos dentes das nagas. Olhei para a ponta da lança de ferro que havia atravessado minha perna. Farpado e pontiagudo de um lado, com haste de madeira do outro. A parte de madeira era empunhada por um homem de rosto redondo, orelhas tão grandes que caíam e saliva escorrendo da boca. Ele parecia meio porco.

Ele puxou a lança de madeira com força, me derrubando no chão e segurando minha perna como se fosse um prêmio. "Pronto, nós a pegamos agora. Vê-la escapar disso? Eu acho que não." Ele riu, erguendo minha perna machucada um pouco mais alto.

Recusando-me a gritar, sentei-me e dei um soco na haste de madeira, saboreando a *rachadura* quando ela se partiu ao meio. Agarrei a ponta da lança e sibilei ao sentir a queimadura do ferro nas pontas dos meus dedos enquanto a arrancava da minha carne.

Levantei-me e enfiei a ponta de ferro na barriga flácida do homem, encontrando seu olhar chocado.

Ele gritou e caiu de costas na água, debatendo-se e gritando a plenos pulmões.

"Porquinho grita." Eu bufei antes de encarar os outros.

Aquele com cabelo no rosto olhou para mim. Levantei o queixo em desafio e não me preocupei em pular. Eu apenas me inclinei para trás e caí.

Orlaith guinchou e apertou meu pescoço com mais força. Uma criatura das fadas, ela não corria maior risco de se afogar do que eu.

É claro que isso não significava que não poderíamos ser mortos caso meus captores decidissem atirar mais lanças em minha direção.

Bati na água com força, de costas. Por um momento, fiquei suspenso na superfície e depois afundei nas águas geladas e turbulentas.

Virando-me, nadei até abraçar a borda do navio, pequenos pedaços pontiagudos de rocha espetando meu corpo e as palmas das mãos. Minhas pernas doíam – uma por causa do veneno restante da naga, a outra por causa da lança.

O navio inclinou-se para um lado e o som distante de gritos atingiu meus ouvidos, mesmo debaixo d'água. Segui na direção oposta e nadei em direção à costa arenosa que avistei.

Orry tinha-me avisado, mas eu não tinha registado as suas palavras anteriores.

*... deste lado de Underhill, no reino da Terra. . .*

Eles me tiraram da minha casa. Tudo o que eu sabia e entendia. Eles nem falaram direito aqui.

Uma forma escura deslizou na minha frente e eu parei em suas nadadeiras, cauda e focinho. Sua cabeça virou e um par de grandes olhos escuros me encontrou.

O brilho neles gritava magia, e eu soube imediatamente o que ela era, porque essas criaturas também foram encontradas em Underhill.

Selkie.

Fechei os ouvidos contra a isca que me arrastaria para o fundo do oceano e nadei com mais força, sem vontade de desistir, mesmo que meus ferimentos garantissem que ela me superaria.

Continuei nadando, minha surpresa aumentando a cada segundo que passava quando suas garras não se enganchavam em minhas pernas e me arrastavam para baixo. A água estava ficando mais rasa. Eu podia ver o fundo do oceano agora.

*Tão perto.*

Ao chegar à superfície, respirei fundo e avistei a costa não muito longe. A selkie balançou na minha frente, bloqueando meu caminho, seus olhos escuros girando em cores. Ela preferiu não brigar comigo então. Ela queria usar sua isca.

Joguei água nela, quebrando o feitiço.

"Você. Barbatanas tornam-se troféus. Eu vou", gritei.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Thorn Kissed and Silver Chains (World..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).